

AS FACES CAMBIANTES DA CRÔNICA MOREYRIANA

Dileta Silveira Martins PUC/RS
Resumo da Dissertação de Mestrado

Atendendo a uma orientação da PUCRS que tem procurado valorizar os escritores rio-grandenses, através do estímulo à pesquisa e aos estudos monográficos, optamos pela obra de Alvaro Moreyra.

É evidente que não poderíamos trabalhar um autor sem que se estabelecesse uma certa empatia entre obra e estudioso. Foi o que ocorreu conosco, além do incentivo, transmitido por nosso orientador, quando o trabalho se nos parecia inexequível.

Se, na exegese da obra moreyrina, há que considerar o sentido interior, através da pluralidade significativa, da imanência textual, não nos caberia, contudo, isolar alguns dados e curiosidades que se nos afiguraram indispensáveis, ao correlacioná-los com a atividade de criação, embora isso não seja o mais expressivo num processo analítico. E muito bem o justifica o crítico Augusto Meier, conforme registro da Prof.^a Tânia Carvalhal, em seu livro **O Crítico à sombra da estante**, ao afirmar que "a obra de um grande escritor possui várias camadas superpostas, muitos degraus de iniciação e só poderá ser conquistada em profundidade pouco a pouco. E mais: que o valor interpretativo da biografia para a boa exegese da obra literária ainda não é tudo: pode constituir-se numa curiosidade necessária, nunca uma prática indispensável.

Dessa forma, não foi nossa intenção afastar os valores intrínsecos da obra de Alvaro Moreyra, ao realçar sua individualidade, mas apenas complementar o processo de análise, embora a afetividade latente no discurso cronístico.

E por que a seleção de crônica como objeto de nosso estudo na prosa moreyriana?

Sua importância como cronista nos parece ter sido marcante, no panorama literário nacional, projetando, através de seu estilo e de sua influência, a crônica como um gênero literário autêntico.

O objetivo de nosso trabalho foi uma tentativa de desvincular a crônica do preconceito que lhe vem sendo atribuído, através dos tempos, como gênero flutuante e paraliterário. A fim de realizá-lo, partimos do modelo moreyriano por entender que essa espécie assumiu foros literários, no Brasil, principalmente com as inovações que esse cronista introduziu à linguagem.

A crônica é literatura? Essa proposta, postulada por Eduardo Portella — em seu livro Teoria da Comunicação Literária — foi a abordagem que escolhemos, partindo do pressuposto de que o fazer literário somente se completa quando há o encontro do SE com o SO na estrutura da crônica. E é na harmoniosa convivência desses planos que atingimos a literariedade.

Cumpramos um resumo de nosso trabalho:

Sintetizamos algumas considerações sobre conceito e gênero — no plano diacrônico — realçando alguns dados que se nos pareceram importantes para chegarmos a uma conceituação de crônica. E, através deles, concluímos que a mesma é uma estrutura poética que sensibiliza mais pela criatividade original do que pela extensão. É como a síntese do coloquial, retratando, simplesmente, a profundidade das coisas e das situações.

É a vida em toda a sua dimensão numa adequação perfeita do real com a ficção.

Concomitantemente, abordamos o ecletismo da espécie e, ao elaborarmos esta dissertação, tentamos estabelecer uma taxionomia que tipificasse a cambiância, a transição peculiar do gênero. Não sabemos como a Ilustre Banca considerará essa classificação, porquanto ela não foi calcada em modelos teórico-literários preexistentes. É, porém, dentro o nosso trabalho, onde talvez, conseguíssemos um maior cunho pessoal, haja vista nossa interpretação analítica da crônica moreyriana.

Assim desdobramos o discurso cronístico em várias modalidades: crônica-reportagem; crônica-conto; crônica epigramática; crônica-poema; crônica-digressão; crônica metafísica; crônica sociológica; crônica memorialista; crônico de viagens; crônica fantástica.

Múcio Leão, em 1959, ao saudar o cronista, quando de sua posse na ABL, ratifica as faces cambiantes da crônica de Alvaro Moreyra quando o diz: "não creio que haja aqui dentro, nesta Academia, alguém que possa representar melhor do que vós a cambiância, a transição entre duas épocas da nossa poesia. Assim em gradações imperceptíveis como as do colo de um pombo — assim se ligam e se perpetuam as fases da história literária".

E realmente encontramos nas faces cambiantes da crônica desse escritor uma oscilação, um jogo constante — ora com peculiaridades simbolistas, impressionistas; ora modernistas, instalando-se aí um discurso multifacetado.

Então o que são as crônicas de Alvaro Moreyra? São instantâneos do acontecimento, o encontro da poesia com o não-poético, a sátira da própria vida, a crença nos homens, nas coisas em pequenos exercícios de simplicidade. Os homens, em suas inquietações interiores, encontram na crônica moreyriana as faces cambiantes de suas próprias vidas.

E quem foi Alvaro Moreyra? Poeta, teatrólogo, fonalista, cronista, foi antes disso, Ele mesmo.

Nascido em 1888 e desaparecido em 1964 — desenvolveu intensa atividade literária.

Sua vida foi um querer bem infinito e ele mesmo o afirma ao autobiografar-se, quando diz: "Dos meus setenta anos não fiz setenta anos. Mas nos intervalos, nasci em Porto Alegre. Tive uma infância de menino querido. Aprendi a amar, sendo amado. Meus primeiros amores: minha avó ceguinha e minha mãe".

Com seu humorismo e inteligência fascinantes foi sempre um poeta e como tal, curiosamente, alimentava seu espírito do pitoresco, pintando a vida com pinceladas irreverentes e sutis.

O seu mundo, o mundo das suas emoções não respeitou padrões literários e ele mesmo o diz: "eu me pareço é com essas injunções de bismuto. Tenho em mim as coisas necessárias, mas preciso ser sacudido para que todas se misturem e, então, eu possa ser usado utilmente. A vida tem me sacudido bem".

No processo de análise, procuramos através do plano de expressão e do plano de conteúdo, figurados no estilo e na temática conduzir à proposta explicitada por Portella, quando diz que Literatura é a palavra poética e a crônica não é isto ou aquilo. Ela simplesmente é.

Assim procedemos a um levantamento temático, extraído da crônica de Alvaro Moreyra o tema mais freqüente — Vida — em todas as dimensões. Dele bifurcam-se outros temas — como pequenas fotografias das pessoas e das coisas.

Através desses temas, Alvaro Moreyra usou figuras de pensamento que reproduzem as suas próprias idéias e ratificam a proposição de nosso trabalho: O SE expressa o SO, a linguagem é a força criadora da idéia.

Assim do plano expressional extraímos, estilisticamente, um recurso retórico que consideramos expressivo em Alvaro Moreyra — as reticências — já realçado por Carlos Drummond de Andrade — ao tecer um comentário especialmente para o nosso trabalho, a pedido da Sr.^a Cecília Moreyra — esposa do escritor. Ele o diz: "uma de suas características, na aparência, menos importante, mas fundamental, é o uso das reticências em boa parte de sua obra de

cronista. São usadas muito intencionalmente para dar ao período um prolongamento vago e dirlia musical, alguma coisa de penumbra e de sonho. Como se o pensamento não parasse ali e sua ressonância nos acompanhasse após a leitura."

Na crônica de Alvaro Moreyra as reticências aparecem musicalizando, deixando entrever o SO, e através da representação temática que é a **Vida**, a opacidade do discurso bifurca-se em modalidades abstratas: reticências como ironia, como ceticismo, como alegria, como sensualidade.

O poeta Mário Quintana ao se referir a essa figura retórica diz: "Ninguém sabe ao certo o que querem dizer reticências..."

"Em todo caso desconfio muito que esses três pontinhos misteriosos foram a maior conquista do pensamento ocidental".

Dessa forma, ao concluirmos nossa dissertação de mestrado, captamos algumas considerações sobre a obra de Alvaro Moreyra:

Alvaro Moreyra integrado, em seu tempo, evolui, aberto a novas criações. Procura, através da linguagem que trabalha significativamente, renovar e inovar.

Seu estilo reticente pareceu-nos refletir, esteticamente, essa proposta através das sensíveis ressonâncias que imprime à expressão verbal, deixando que o leitor a complete num jogo verdadeiro do expressar com o sentir.

Nas faces cambiantes da crônica moreyriana há uma ambigüidade peculiar através de manifestações plurais: cruzam-se aí as divagações filosóficas, as indagações existenciais, o banal, o não-tema, as memórias historicizadas fantasiosamente pelo cronista. Tudo isso num cômputo de temas que se cruzam com a realidade significante e que nos levou à proposta de crônica como literatura.

Se o texto, para ser considerado literário, precisa conter categorias narracionais e lingüísticas que o remetam a uma função poética através da dicotomia SE/SO então só nos resta concluir que crônica é uma espécie literária. E, em decorrência, a crônica de Alvaro Moreyra pela eclefização temática, figurada na expressão verbal é uma manifestação suprema de Literatura.